

**O processo de aprendizado da linguagem como “jogo de linguagem” nas
Investigações Filosóficas de Ludwig Wittgenstein**

*The language learning process as a “language game” in Ludwig Wittgenstein’s
Philosophical Investigations*

Keli de Assumpção

Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)

kelideassumpcao@usp.br

<http://lattes.cnpq.br/2869260513091363>

Resumo

A tese central do início das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein e que buscamos analisar neste texto, postula que a aquisição da linguagem é um processo de treinamento social. Neste texto exploraremos a analogia de Wittgenstein entre esse processo e o conceito de participar de um jogo de linguagem, sugerindo que, da mesma forma que aprendemos gradualmente as regras, funções e significados em um jogo por meio de repetições e construção de um sistema de referências, o mesmo princípio se aplica ao aprendizado e treinamento da linguagem. Com essa perspectiva, nos deteremos nas bases usadas por Wittgenstein na defesa do papel das práticas comunicativas e dos contextos na compreensão da linguagem, traçando paralelos com o processo de aprender a jogar um jogo.

Palavras-chave: Wittgenstein. Linguagem. Aprendizado. Treinamento.

Abstract

The central thesis at the beginning of Wittgenstein's *Philosophical Investigations*, which we aim to analyze in this paper, posits that language acquisition is a process of social training. This study explores how Wittgenstein draws an analogy between this process and the concept of participating in a language game, suggesting that, much like we gradually acquire the rules, functions, and meanings within a game through repetition and the construction of a system of references, the same principle applies to language learning and training. With this perspective, we delve into the foundations employed by Wittgenstein to emphasize the



role of communicative practices and contexts in understanding language, drawing parallels to the process of learning to play a game.

Keywords: Wittgenstein. Language. Learning. Training..

Introdução

Este trabalho pretende explorar a analogia proposta por Ludwig Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*, na qual o processo de aprendizado da linguagem é comparado ao processo de aprendizado e de participação de um jogo. De modo que em ambos os casos, no processo de aprendizado e participação de jogos. Isso porque em ambos os casos, seja no aprendizado da linguagem ou na dinâmica dos jogos, as regras, funções e significados são gradualmente aprendidos por meio das repetições e reiterações de comportamentos. Tais comportamentos reiterados, em ambos os casos, servirão como sistema de referências, o qual guiará e garantirá o funcionamento coeso e coordenado do processo linguístico e do jogo.

Tendo em vista tal objetivo, examinaremos como ocorre o aprendizado da linguagem, comparando-o à dinâmica de jogos. Nesse contexto, faremos referência, principalmente, às *Investigações Filosóficas* (2009) de Wittgenstein, bem como aos comentários de Gurgel (2008), Souza (2010) e Segatto (2015), os quais desenvolvem e clarificam a argumentação de Wittgenstein. Além disso, a fim de esclarecer alguns aspectos do ensino Ostensivo, utilizaremos dois textos de Agostinho: as *Confissões* (1973) e o *De Magistro* (1973).

Inicialmente abordaremos de maneira geral a concepção de Wittgenstein sobre o processo de aprendizado da linguagem. Em seguida, exploraremos alguns aspectos convergentes entre a dinâmica de jogos e a dinâmica de aprendizado da linguagem. Nesse contexto, introduziremos a noção de regra, a qual se aplica tanto aos jogos quanto ao processo de aprendizado da linguagem.

Posteriormente, iremos explicar o modo como Agostinho de Hipona concebe o aprendizado da linguagem para, então, compararmos com a perspectiva de Wittgenstein sobre esse mesmo processo. Nesse momento, iremos destacar os argumentos e pontos positivos da abordagem wittgensteiniana em detrimento do 'ensino ostensivo' defendido por Agostinho. Ao identificarmos lacunas na descrição do aprendizado da linguagem proposta por Agostinho, aprofundaremos na perspectiva de Wittgenstein sobre o real processo de associação de significado às palavras, utilizando como exemplo a aprendizagem da cor vermelha. Em seguida, exploraremos a ideia de que o treinamento para o uso coeso da linguagem é fundamentado por autoquestionamentos a respeito do emprego e função da palavra, a partir do contexto comunicativo e comportamental



reiterado. Por fim, examinaremos como esse mesmo treinamento pode ser compreendido à luz da dinâmica de jogos, destacando o caráter normativo da regra.

1. O sistema de aprendizado e o uso da linguagem

Nas *Investigações Filosóficas*, Ludwig Wittgenstein se dedica à problemática situação da linguagem em relação ao pensamento e ao mundo. Nesse texto, o autor assume uma postura diferente da tomada em sua obra mais antiga, o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Isso porque, nas *Investigações*, o autor não advoga mais por uma natureza descritiva na linguagem, tampouco defende a simples associação de nomes aos objetos por ele representados¹. Houve uma de pensamento e perspectiva do autor, que antes buscava na ideia de cálculo um conceito geral da compreensão e do significado, e, agora, incorpora a sua análise as reações comportamentais no aprendizado da linguagem (GURGEL, 2008, p. 16).

Sob essa nova perspectiva, Wittgenstein (2009, p. 18-19; 26-27) atribui às relações sociais um importante papel no processo de assimilação e aprendizagem da linguagem. Sua proposta consiste em entender o aprendizado da linguagem a partir dos chamados 'jogos de linguagem', nos quais o sujeito que precisa e deseja usar uma determinada linguagem, se insere nas relações sociais e, apoiando-se nelas, aprende as *funções* das palavras e das classes de palavras necessárias para a participação e entendimento coeso do processo comunicativo.

Tendo isso em vista, ao contrário de Agostinho de Hipona (1973), Wittgenstein não associa o entendimento inicial da língua e do significado das palavras ao ensino ostensivo, caracterizado pela associação de sons e gestos, tampouco às meras adivinhações de correspondência e significado.

O que verdadeiramente ocorre, segundo Wittgenstein (2009, p.36; 42-43; 88-89; 195-196), é que, durante a relação social e com base nas relações observadas, o sujeito que ainda não conhece determinada linguagem – tal como uma criança em seus primeiros anos ou um estrangeiro com língua nativa diferente – irá se perguntar sobre a *função* e o *uso* de determinadas palavras que percebe e ouve em determinados contextos. Isso sem uma definição formal para a palavra, mas como associação de *função* e *uso* dos termos linguísticos a uma significação própria para aquele momento e contexto da interação social. Ou seja, o aprendizado daquela palavra é vinculado àquele contexto social e seu significado não é constituído por uma ou outra definição, mas por um entendimento em relação ao *uso* e a *função* vinculados à situação em questão

¹ Ou seja, Wittgenstein não irá manter a ideia de que todos os tipos de frases podem ser postas no formato afirmativo, e desse modo, a proposição não será mais entendida como a descrição da realidade ou de um estado de coisas, segundo suas propriedades internas (GURGEL, 2008, p. 13-16).



1.1. Treinamento para o uso coeso da linguagem e as regras do 'jogo de linguagem'

O processo de aprendizagem da linguagem concebido por Wittgenstein deve ser entendido como um *treinamento*, que tem por base o comportamento dos integrantes da interação social. Trata-se de um método em que as representações mentais individuais, baseadas na relação dos signos e dos comportamentos a estes associados, são gradualmente transformadas em uma compreensão das palavras. Para que o processo ocorra de forma coesa, o sujeito deve ser treinado a partir da normatividade comportamental da interação social (GURGEL, 2008, p. 27).

Ao considerar a ideia de uso e aprendizado da linguagem como um 'jogo', denominado jogo de linguagem, o autor explica que as representações mentais dos significados das palavras são condicionadas por determinadas 'regras', tal como ocorre em jogos. Assim, o processo de aprendizado das funções, usos e significados das palavras é entendido como uma espécie de jogo, em que há participantes, regras e objetivos, sendo este último, participar da interação comunicativa (GURGEL, 2008, p. 27). Nesse sentido, as regras garantirão a conformidade das significações e associações de sons e palavras a objetos, de modo que elas sejam comuns entre todos os membros de uma determinada comunidade linguística (WITTGENSTEIN, 2009, p. 19,31-33,45-47,222-223). Assim como as regras garantem conformidade ao jogo, determinando o modo e as formas pelas quais os participantes podem atingir seus objetivos.

No entanto, tanto a definição da regra quanto o processo de assegurar sua conformidade não ocorrem antes da própria aplicação da regra. Em outras palavras, não existe uma elaboração formal prévia dos padrões a serem rigorosamente seguidos, nem uma entidade que supervisiona a conformidade com esses padrões. O que realmente ocorre é a formulação da regra com base em um conjunto específico de referências, derivadas da frequência, repetição e influência normativa dos comportamentos na sociedade (WITTGENSTEIN, 2009, p. 115,181-182,234).

Assim, a regra, entendida como parte do jogo de linguagem, é aprendida pelo sujeito e interiorizada a partir de representações individuais de comportamentos reiterados. Dessa forma, a regra pode ser compreendida como uma normatividade experienciada durante os jogos de linguagem, que, após ser interiorizada, é aplicada como modelo para o exercício e reflexão da linguagem. Isso significa que cada sujeito irá construir uma bagagem de conhecimentos contextuais que, ao serem postos em prática, servirão como sistema de referências e como critério de verificação do uso da linguagem.

Segundo Gurgel (2008, p. 50), ao associar as palavras 'regra', 'igual' e 'conformidade' ao aprendizado, Wittgenstein está reafirmando a importância das regras no processo de aprendizagem,



incorporadas ao processo de repetição das lições de linguagem no contexto social. Desse modo, o sujeito é socialmente ‘treinado’ através do comportamento sucessivamente repetido. Posteriormente, o conhecimento contextual sobre o *uso* e as *funções* das palavras, enquanto regras interiorizadas, são estendidas para casos em que o sujeito ainda não foi treinado. A avaliação a respeito do uso correto nesses novos contextos – cujo o sujeito ainda não foi treinado – dependerá da resposta social, ou seja, se ele conseguiu se comunicar de forma adequada e foi entendido.

Desse modo, percebemos que na aplicação do modelo reiterado para outras situações sociais, no qual esse modelo ainda não foi aplicado, o sujeito poderá ampliar seu sistema de referência de função e uso das palavras. Logo, a própria verificação e formulação da regra são resultado da aplicação (GURGEL, 2008, p. 29,41).

2. Ensino ostensivo

Segundo Wittgenstein, a visão tradicional considera o ensino ostensivo como um método inicial de aprendizado da linguagem e das associações de significado-objeto. Isso seria supostamente comprovado pelo modo como é realizado o ensino às crianças, em que quem já aprendeu os significados dos sons e das palavras ensina quem ainda não aprendeu. Este ensinamento seria mediante gestos, de forma que através do apontar, o sujeito associa um som a um objeto, e posteriormente, a associar o som e o objeto à uma palavra escrita que os represente. Esse modo de compreender o aprendizado das palavras está presente desde a filosofia medieval, tendo como um de seus representantes Agostinho de Hipona (WITTGENSTEIN, 2009, p. 15-17).

No entanto, Wittgenstein parece não se contentar com essa explicação Agostiniana em relação ao aprendizado inicial. Ele questiona se é realmente automático e fácil para uma criança, por exemplo, compreender o significado que há por trás do ato de apontar o dedo para um objeto enquanto emite um som². A criança entenderia que se trata da associação de um som específico para designar o objeto apontado? Parece óbvio que a criança aprenderá o significado de uma palavra apenas por dirigir sua atenção ao objeto enquanto ouve o som que o representa? (WITTGENSTEIN, 2009, p. 15-33; 226).

Para problematizar ainda mais a concepção de ensino ostensivo, Wittgenstein recorre a um exemplo: nele, supomos que há um construtor e um ajudante em uma obra, ambos precisam um do outro para executar um determinado trabalho. Por exemplo, se o construtor solicita ao ajudante uma

² Tais questões também são tratadas por Agostinho em *De Magistro* (1973), no qual ele discute com Adeodato, seu filho, sobre as diferenças da comunicação através de palavras, gestos e objetos.



tarefa, como levar um objeto, o ajudante deve executar a tarefa da maneira que o construtor o espera. A comunicação entre os dois é constituída por uma sequência de palavras proferidas pelo construtor, como: ‘cubos’, ‘colunas’, ‘lajotas’, ‘vigas’, etc. De forma que, assim que ouvir uma dessas palavras, o ajudante deverá pegar o objeto que aquela palavra representa e entregar ao construtor o objeto solicitado (WITTGENSTEIN, 2009, p. 16-19).

Segundo Wittgenstein, isso seria um exemplo de 'comunicação primitiva válida', que não corresponderia à complexidade da linguagem que usamos no nosso dia a dia. Pois, na linguagem usual, é necessário o uso de mais classes de palavras, como os pronomes, os numerais e os verbos, que, por sua vez, não poderiam ser usadas e aprendidas do mesmo modo. Isso porque, para empregar algumas classes de palavras, é necessário mais do que uma simples associação de palavra-som-objeto (WITTGENSTEIN, 2009, p. 19-25).

O autor explica que o uso da linguagem exemplificada é coerente com a definição de aprendizado da linguagem defendida por Agostinho de Hipona nas *Confissões*. Pois, o ensino da linguagem se iniciaria, segundo Agostinho, com os substantivos, passando só depois para as demais espécies de palavras. Assim, o aprendizado, para Agostinho de Hipona, seria derivado de um ‘ensino ostensivo’, em que determinada pessoa aponta para um objeto e o nomeia e, em contrapartida, outro sujeito aprende a associar o objeto à palavra. Isso se iniciaria com palavras mais simples – como no exemplo, em que só são necessários substantivos para a comunicação eficiente – e, com o passar do tempo, o sujeito vai expandindo seu vocabulário para palavras mais complexas (WITTGENSTEIN, 2009, p. 16-19).

Porém, o que ocorre na prática não corresponde ao que Agostinho descreve. Conforme Wittgenstein (2009, p. 17-22), a linguagem inicialmente aprendida é naturalmente mais complexa, e o ensino ostensivo parece exigir algum tipo de conhecimento anterior para funcionar da forma como Agostinho descreve. Tendo em vista o descontentamento com o processo de aprendizado narrado por Agostinho, Wittgenstein se propõe a formular uma nova concepção em que há o cuidado de refletir a complexidade da língua já nos primeiros aprendizados. Para tanto, o autor promove a ideia de que, antes do aprendizado ostensivo, os sujeitos passam pelo treinamento de associação de *funções* às palavras. Logo, o ensino inicial não pode ser resumido à mera associação de sons a objetos, mas ao conjunto de treinamentos.

3. Processo real de associação de som-significado-objeto na linguagem



Com o objetivo de fundamentar suas críticas e desenvolver sua tese, o autor se dedica novamente à concepção de ensino ostensivo de Agostinho (1973). Utilizando o ensino da cor vermelha como ponto de problematização, ele exemplifica a abordagem ostensiva, onde a cor é apresentada por meio de um enunciado como 'isto é vermelho', enquanto se aponta o dedo para um objeto vermelho (WITTGENSTEIN, 2009, p. 47, 122, 173-174). A partir disso surge a questão: todos os nomes têm uma *única* função em *todos* os contextos? Por exemplo, a palavra 'vermelho' será sempre associada à mesma cor, da mesma forma como o exemplo sugere? Além disso, é necessário um raciocínio complexo para compreender a associação da palavra 'vermelho' com a cor do objeto apontado? (WITTGENSTEIN, 2009, p. 17, 81-82).

Tendo em mente essas questões, Wittgenstein esclarece que existem nomes, como 'vermelho', que representam uma característica do objeto, não o objeto em si. No caso da definição ostensiva surge a questão de como o sujeito compreenderá o que é a 'cor', enquanto característica, uma vez que a diferença entre o objeto e a cor vermelha como sua característica não parece evidente. Assim, como garantir que a associação da palavra 'vermelho' se dará a cor e não ao formato ou totalidade do objeto? De acordo com o autor, o problema reside na necessidade que se tem de explicar a palavra 'cor' *antes* da definição ostensiva de palavras que representam cores, como o 'vermelho'. Em outras palavras, a definição do que é uma 'cor' deve preceder a explicação ostensiva da própria cor como característica específica de objetos (WITTGENSTEIN, 2009, p. 28-31).

Assim sendo, o modo como diferentes sujeitos reagirão ao ensino ostensivo de uma cor específica, considerada como uma característica particular de um objeto, dependerá da explicação do significado da palavra 'cor'. Portanto, o ensino ostensivo requer uma preparação anterior, algum conhecimento prévio, para ser adequadamente ensinado e compreendido:

Poder-se-ia dizer, portanto: a definição ostensiva explica o uso-o significado-da palavra, caso já esteja claro que papel a palavra tem que desempenhar na linguagem. Se sei, no entanto, que alguém quer me explicar a palavra para uma cor, neste caso a explicação ostensiva "isto se chama 'Sépia'" vai me ajudar na compreensão da palavra. E pode-se dizer isto se não se esquece que toda espécie de pergunta vincula-se à palavra "saber" ou "estar claro". Tem-se de saber (ou poder) alguma coisa antes de poder questionar a denominação (WITTGENSTEIN, 2009, p. 31-30).

Em resumo, temos que a linguagem pode funcionar como uma ferramenta para especificar uma característica ou qualidade de um objeto. Além disso, tanto a palavra escrita quanto a falada, referindo-se à cor, são aprendidas por meio de repetições, onde o uso da mesma palavra para



objetos com a cor vermelha induz a aprendizagem pela reiteração de padrões. Em outras palavras, ao expor a palavra em diferentes contextos de uso, os indivíduos perceberão o padrão de cor associado aos objetos, tornando comum o uso de uma palavra específica para descrever esses objetos. Com suporte nesse contexto de regularidade, e através da observação e comprovação dessa hipótese na inserção social, o sujeito irá determinar uma significação para a palavra.

Outra situação em que o processo de aprendizado contradiz o apresentado por Agostinho é no caso dos números. De acordo com Wittgenstein, assim como as cores, os números precisam se referir a outro objeto, pois não têm existência por si só. Portanto, a compreensão do significado dos números deve ser articulada por meio da referência a outros objetos e, conseqüentemente, a outras palavras. Assim, ao apontarmos para dois objetos quaisquer e mencionarmos o número dois, quem nos vê e ouve deve compreender que não estamos necessariamente nos referindo ao significado daqueles objetos, mas sim à quantidade que eles representam (WITTGENSTEIN, 2009, p. 31).

Assim, como garantir que a palavra representa a mesma coisa para todos que a ouvem? Tendo esse problema em mente, Wittgenstein explica que o processo de aprendizagem não é completamente arbitrário; ou seja, não se baseia na adivinhação do uso da palavra para cada situação. Trata-se, como vimos, de um aprendizado contínuo de significação que ocorre através da aplicação reiterada da palavra e da análise de tal aplicação (WITTGENSTEIN, 2009, p. 14).

Tal como explicitado nos parágrafos 31 e 559 das *Investigações*, o aprendizado começa antes de associações de palavras a objetos pelo qual apontados, de modo inicial, é necessário aprender a se perguntar sobre a *função* e o *uso* das palavras em cada contexto. Menos complexa e mais intuitiva que a associação do objeto apontado com a palavra, essa noção de aprendizado inicial, de autoquestionamento em relação ao *uso* e a *função* da palavra, traz liberdade para que o sujeito crie seu próprio significado para cada contexto, mesmo que ainda não saiba formular uma denominação sobre ela (WITTGENSTEIN, 2009, p. 38-39,146).

3.1. Treinamento em relação aos usos da linguagem

Neste ponto, voltamos à concepção central do autor nas *Investigações Filosóficas*, em contraste com a abordagem adotada por ele no *Tractatus*: a explicação fundamentada no caráter potencialmente descritivo de todas as sentenças perde espaço, e surge a questão da análise comportamental e psicológica do treinamento, ou 'adestramento', que instrui a criança a associar o número dois, por exemplo, não à descrição do objeto em si, mas à função que o número desempenha dentro desse conjunto de objetos.



Segundo Wittgenstein, em estágios iniciais de aprendizado, a criança não necessariamente atribui nomes aos objetos, mas será orientada a fazê-lo através do contexto e das práticas de sua língua materna. A partir disso, a criança questionará a expressão linguística dos objetos. Esse treinamento servirá como base para que a criança desenvolva sua própria compreensão de cada uso das palavras em diferentes contextos. Trata-se da construção de significados para as palavras antes do ensino ostensivo, gradualmente permitindo a compreensão dos significados das palavras (WITTGENSTEIN, 2009, p. 29-30).

A criança experimentará de forma não crítica o uso dos sinais e dos comportamentos associados a eles. Ela será corrigida através de um sistema de recompensas e punições que ainda não compreende, mas a partir desse processo e da repetição, ela desenvolverá seus próprios critérios (GURGEL, 2008, p. 26).

Segundo Gurgel (2008, p. 26,47), é importante lembrar que esse treinamento inicial está relacionado aos comportamentos, não a determinados processos mentais. Em outras palavras, não devemos conceber esse processo de treinamento como uma espécie de compartilhamento de objetos mentais. Pois, se os objetos mentais são inerentemente individuais, então a transmissão ou recepção deles não garante uma representação fiel. A interpretação de Gurgel está alinhada com a postura de Wittgenstein, que se opõe à concepção mentalista, na qual a compreensão de uma regra depende de um modelo mental orientador sobre como seguir essa regra.

4. Analogia entre jogar e ser treinado na linguagem

Nos parágrafos 7 e 23 das *Investigações*, o autor explora a metáfora dos 'jogos de linguagem'. Ele utiliza uma abordagem lúdica para comparar os usos e a aquisição da linguagem à experiência de jogar. O autor apresenta um jogo genérico para elucidar essa comparação. Em sua analogia, os participantes do jogo seriam equiparados aos sujeitos que interagem por meio da linguagem em contextos específicos, enquanto os sinais linguísticos poderiam ser considerados como equipamento do jogo, neste caso, eles seriam apresentados como quadrados distintos. Poderia também existir uma tabela na qual fosse registrado por escrito o que cada sinal representaria; essa tabela desempenharia um papel crucial no jogo, correspondendo ao papel da memória e da associação no processo de aprendizado da linguagem (WITTGENSTEIN, 2009, p. 29-30,35-36).

Para tornar essa comparação mais clara, o autor formula um jogo hipotético: um participante diz o nome de uma flor com uma determinada cor, e os demais precisam encontrar na tabela qual flor corresponde à flor e cor mencionadas pelo participante. Por exemplo, ao ouvir a frase "Traga-



me uma flor vermelha!', os demais jogadores consultam a tabela para identificar qual das flores representa a flor de cor vermelha. Essa dinâmica de jogo, no qual se ouve algo e procura-se uma correspondência na lista de flores, ilustra o comportamento a ser seguido, ou seja, a regra do jogo (WITTGENSTEIN, 2009, p. 45).

Nesse jogo fictício, supõe-se que as regras não sejam diretamente transmitidas aos iniciantes. Pelo contrário, os iniciantes devem aprender como o jogo funciona observando como os outros jogadores jogam. Assim, ao assistir várias partidas, os iniciantes deduzirão as regras e começarão a participar do jogo, aplicando o aprendizado adquirido (WITTGENSTEIN, 2009, p. 44-46).

Assim como nesse jogo hipotético, os 'jogos de linguagem' estão intrinsecamente ligados às regras que emergem da regularidade, repetição e influência normativa dos comportamentos. O processo de aprendizado da linguagem envolve a análise e o treinamento, seguindo padrões estabelecidos. Assim como o participante do jogo fictício, o indivíduo que se envolve na linguagem deve aprender as regras da linguagem através da análise e treinamento relacionados à função das palavras e de seus usos em diferentes contextos (WITTGENSTEIN, 2009).

4.1. Regras do jogo de linguagem: regularidade, reiteração e força normativa

Conforme proposto por Wittgenstein (2009, p. 18-19, 222-223), pretendemos abordar o aprendizado da linguagem como se fosse um 'jogo de linguagem', no qual se entrelaçam objetivos, regras e participantes. Nesse contexto, assim como em um jogo, o indivíduo necessita aprender a jogar seguindo as regras, em consonância com os demais participantes, almejando alcançar objetivos específicos, que, no caso da linguagem, é a comunicação bem-sucedida.

No parágrafo 199 das *Investigações*, o autor estabelece uma conexão precisa entre o 'hábito' e o 'ato' de seguir uma regra. Ele argumenta que o hábito se entrelaça ao ato de seguir regras, uma vez que o conceito de regra não pode ser concebido de maneira singular, ou seja, como uma única ação apresentada e executada em uma única aplicação. A regra incorpora em si a prática habitual e o costume. Segatto (2015, p. 134) destaca o significado e a influência normativa que essa prática habitual possui: vai além de simples 'regularidades comportamentais', configura-se como treinamentos que se desenvolvem com base em um padrão de regularidade ao longo do tempo, moldando um conjunto de ações e estabelecendo uma normatividade específica.

Conforme destacado por Gurgel (2008, p. 46), Wittgenstein estabelece uma estreita conexão entre o treinamento e a compreensão do significado nas *Investigações*, especialmente nos trechos



que exploram o seguimento de regras, como nos parágrafos 205 ao 210. Entretanto, ao considerar essa relação entre treinamento e compreensão do significado, surge a questão sobre como explicar a aplicação das regras em situações em que os indivíduos ainda não foram treinados. Segundo Gurgel (2008, p. 46-47), a resposta a essa questão está na própria perspectiva de Wittgenstein: o treinamento visa incentivar certos modos de agir, não para fornecer critérios e acordos formais. Em outras palavras, a relação entre a ação de um indivíduo e a ação de sua comunidade linguística, segundo Wittgenstein, não repousa em acordos explícitos, mas em comportamentos repetidos aprendidos por meio da regularidade normativa.

As práticas que se manifestam como expressões da técnica apresentam um caráter regular, uma vez que, quando empregadas em determinados contextos, servem a propósitos específicos, e seu significado varia conforme a regra estabelecida. Esses hábitos ou práticas devem ser percebidos não apenas como um estrito cumprimento de regras, mas como comportamentos naturais integrados ao modo de vida cotidiano (SOUZA, 2010, p. 3-4).

Dessa forma, de acordo com Souza, H. (2010, p. 4), observamos que a regularidade, por si só, não é suficiente para explicar a origem e a natureza normativa das regras na linguagem. Para compreender as Investigações, é crucial evitar uma distinção rígida entre a 'produção' e a 'aplicação' da regra, pois esses conceitos são intrinsecamente interdependentes. Dividir tais conceitos dificultaria a compreensão adequada do que é a regra e como ela é aplicada.

Uma forma de compreender a origem e aplicação de regras no jogo de linguagem é abraçar a abordagem proposta por Wittgenstein. Essa perspectiva implica a transição da prática repetida para uma regularidade passível de aprendizado e treinamento, por meio da capacidade de intuição e reconhecimento de padrões: “Podemos seguir regras porque somos capazes de reconhecer semelhanças, conformidades, porque, enfim, conseguimos notar e apontar elementos similares, agrupá-los segundo aspectos convergentes [...]” (SOUZA, H. 2010, p. 2).

Conforme Segatto (2015, p. 141), a normatividade e o controle da aplicação correta da regra derivam dessas regularidades no comportamento verbal do indivíduo e da comunidade. Pois, embora essas regularidades não sejam normativas em si, elas geram normatividade e constituem uma técnica suscetível a aprendizado.

Gurgel (2008, p. 48-50) explica que a aplicação de regras em situações em que o sujeito não foi previamente instruído pode ser compreendida através da regressão ao início do aprendizado, quando a pessoa ainda não domina o conceito da regra. Nesse estágio, as palavras são empregadas por meio de exemplos e exercícios, um aprendizado baseado na repetição. A compreensão



resultante dessas lições iniciais deve, com o tempo e intenção, expandir-se além dos contextos e situações iniciais em que foram utilizadas. Wittgenstein sugere que não se trata de interpretação, mas da influência de um treinamento específico que pressupõe um modo de agir determinado pela regra. Essa tese sugere que o treinamento de regras em casos específicos possibilita a aquisição de técnicas que podem ser aplicadas a outras regras pelo sujeito.

Ao comparar a ação atual com a ação reiterada, podemos determinar se ela está ou não de acordo com a regra. A técnica de aplicação se desenvolve através da própria aplicação repetida da regra, e a formulação da regra não precede a aplicação, mas resulta dela. Assim, a instituição ou formulação de uma regra depende diretamente da repetição de sua aplicação (SEGATTO, 2015, p. 153).

Nesse contexto, a comunidade desempenha um papel fundamental na construção do aprendizado da linguagem na filosofia de Wittgenstein. Ela fornece um sistema de referência para que o indivíduo aprenda as regras da linguagem (GURGEL, 2008, p. 48). Além disso, a existência de exemplos é importante para que o sujeito tenha modelos nos quais a regra foi aplicada. Isso leva o sujeito a adotar a aplicação padrão, mesmo que diferentes indivíduos possam interpretá-la de maneiras ligeiramente diferentes. Os exemplos e a prática repetida de uma determinada aplicação levam o sujeito a seguir o padrão (SEGATTO, 2015 p. 179). Em outras palavras, a aplicação e formulação da regra assume uma dimensão reflexionante: “[...] segundo a qual o procedimento reiterado e regular de aplicação da regra é que institui o que a regra quer dizer.” (SEGATTO, 2015, p. 179).

Wittgenstein proporciona um exemplo esclarecedor do funcionamento desse sistema de referência ao ilustrar o aprendizado de um pesquisador inserido em um país cuja língua difere daquela que o sujeito domina desde o nascimento. No caso do pesquisador desconhecer completamente esse novo idioma, é imperativo que aprenda a operar dentro dessa nova sociedade. O sistema de referências para esse aprendizado será o comportamento comum, as ações repetidas das pessoas inseridas naquela língua. O sujeito precisará identificar o sistema de regularidade e naturalmente construir uma compreensão mais abrangente para aplicar o que foi aprendido para outros contextos (WITTGENSTEIN, 2009, p. 115-116).

É importante destacar que esse processo de seguir a regra a partir da introdução à linguagem e aos jogos de linguagem pode ocorrer de forma isolada, sem a necessidade de uma comunidade. Pode ser realizado através da aplicação mental da regra na forma de exercícios, dado que “a certeza que tenho da adequação entre regra e ação quando imagino uma jogada de xadrez não é diferente da



certeza que tenho ao mexer a peça de madeira na frente de um adversário.” (GURGEL, 2008, p. 49).

5 Conclusão

A correlação entre a dinâmica em jogos e o processo de aprendizado da linguagem proposto por Wittgenstein oferece uma perspectiva privilegiada do valor da atividade comportamental dos indivíduos nesse processo. Nesse contexto, uma mera definição ou apresentação ostensiva não é suficiente, pois, assim como ocorre no aprendizado inicial de jogos, as interações sociais e comportamentais se mostram como guias pelos quais a compreensão e comportamento do sujeito frente à linguagem será construído. Além disso, a compreensão do papel das regras e do aprendizado através da reiteração de comportamentos, quando analisada sob a perspectiva dos jogos, torna-se mais clara e próxima da experiência de aprendizado cotidiano.

O aprendizado da linguagem, inserido na metáfora do jogo de linguagem, é coordenado por regras específicas que garantem a conformidade entre os falantes de uma mesma língua ou ‘jogadores de um mesmo jogo de linguagem’. Assim, ambas as experiências, a de jogos e a de aquisição da linguagem, podem ser entendidas como atividades que envolvem participantes, contextos comportamentais, regras e equipamentos ou ferramentas de interação. Cujo aprendizado, quando não transmitido diretamente aos iniciantes, pode ser apreendido através da observação de contextos comportamentais e detecção de padrões e regras no uso de ferramentas ou equipamentos da interação, no caso do aprendizado dos termos linguísticos, tal equipamento seria as palavras. Nesse sentido, as regras são entendidas como práticas reiteradas e normativas que induzem os iniciantes a reiterá-las. E, a partir da reiteração, os sujeitos ampliam, pouco a pouco, para situações cujo contexto ainda não foi observado. Ou seja, a partir da resposta social de tal aplicação, o sujeito expande seus conhecimentos contextuais; ou melhor, usando os termos de jogo, amplia suas jogadas possíveis.

Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. O. Santos e A. A. Pina. São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores, 1973.

_____. *De Magistro*. Tradução de A. Ricci. São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores, 1973.



GURGEL, D. F. *Wittgenstein e a gramática da consciência*. 2008. 105 f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de Filosofia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/12278>. Acesso em: 22/04/2023.

SEGATTO, A. *Wittgenstein e o problema da harmonia entre pensamento e realidade* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 195 p.. ISBN 978-85-68334-62-1. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 09/05/2023.

SOUZA, H.. *A vida e as fontes da normatividade: por uma história natural do conceito*. 2010. (Tese de Doutorado) - Curso de Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26042010-124018/en.php>. Acesso em: 18/04/2023.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Recebido: 25/10/2023

Aceito: 01/02/2024